



# A queda do Imã

Tradução  
Safa Jubran

APRESENTAÇÃO	9
A busca começa	13
Eles não sabem ler	15
O chamado da mãe	20
As Crianças de Deus	25
O rosto velho do papai	30
Apenas uma vez na história	35
O Chefe da Segurança	37
A Esposa Legal	41
Deus está com o Imã	44
O Guarda-Costas	52
Dupla face	58
As primeiras letras do amor	63
A Esposa Legal não entra no Paraíso	66

Traição lícita	71
Tudo aconteceu de súbito	74
O êxtase do amor	78
Quando o amor era cego	82
Juntos na trincheira	84
Medo coletivo	88
Amor eterno	94
O Grande Escritor	97
O Imã disfarçado	106
O Filósofo	112
Amor antigo	122
Avivar o patrimônio cultural	128
Bint-Allah e o Imã	136
O despertar após o êxtase	141
O Grande Escritor	144

Prova de inocência	152
O Juiz	156
A queixa	163
As Grandes Potências	167
A vigília da mãe	172
O encontro da última esposa com a filha ilegítima	178
Amor ilícito	184
A amante	187
Jawahir	189
Mãe e filha	192
O julgamento	195

## Apresentação

Quando eu era criança, costumava ver Deus em meus sonhos. Ele tinha o rosto justo de minha mãe ou o caridoso de meu pai. Minha colega de escola Fátima Ahmad também via Deus em seus sonhos e, para ela, Ele tinha o rosto duro do pai ou o cruel do tio.

Quando eu era pequena, descobri que o rosto de Deus aparecia geralmente para minhas colegas com o rosto do pai delas e, às vezes, com o da mãe. O problema é que o rosto de Deus não pode ser visto nem com os olhos das crianças nem com os dos adultos. Deus só pode ser visto quando dormimos, e Seu rosto tem as feições daqueles que estão mais próximos de nós.

\*

Tentei escrever esta história quando jovem, ainda na escola, mas todas as minhas tentativas fracassaram. A ideia, as personagens e as sensações estavam em minha cabeça. Tudo era tão vívido! No entanto, não conseguia encontrar as palavras. Esta história me acompanhou por muito tempo e, nos últimos dez anos, com bastante insistência. Fitava-me com os olhos de suas personagens quando eu estava acordada ou dormindo e quando eu viajava, dentro ou fora do país. Quando conheci a iraniana Chahbani Chiraz, que me contou a história de sua filha pequena, estuprada por seus carcereiros; quando me encontrei com a sudanesa Fátima Tag Assirr, que me levou para conhecer a Associação dos Amputados, na qual estavam seu filho e seus colegas com as mãos cortadas de acordo com a lei

religiosa; e depois, quando dividi uma cela de prisão durante três meses no Egito com Ítidal Mahmud e outras jovens egípcias, a história começou a me perseguir. Toda vez que eu via o rosto de um governante em uma fotografia, ou sua cabeça por debaixo de um turbante ou de uma boina militar, ou quando seus olhos me fitavam nos sonhos; toda vez que eu viajava para o Líbano e escutava o estrondo das bombas do Hizb-Allah, que eram respondidas do outro lado pelas bombas do Hizb-Achaitan; e quando viajei para Meca e li, nas placas fixadas nos muros, as boas-vindas aos hóspedes do Arrahman, e vi atrás do muro um homem e uma jovem acompanhados pelo Diabo; e em meu vilarejo, Kfar-Tahla, quando via o rosto de minhas primas camponesas; e em Alqanatir, o rosto dos condenados à prisão perpétua; e nos necrotérios e hospitais do Ministério da Saúde; na Jordânia, em Salt, nas linhas de combate, no rosto das crianças que tomavam leite e temiam a radiação, ou que fugiam da luz como se fosse a radiação. No rosto das meninas, cobertos por véus pretos, nos festejos, nas campanhas eleitorais, nas sessões de evocar alguns espíritos e expulsar outros; no aparecimento da Virgem Maria e na imagem da Cruz estampada nas vestimentas das mulheres... a história me acompanhou e suas personagens me perseguiram. E toda vez que me sentava para escrevê-la, ela me escapava por entre os dedos, feito mercúrio. Sobretudo o Imã, uma personagem oportunista, bajuladora e hipócrita, que adotou comigo o estilo de fugir e surgir, e de ir e vir. Fugia quando eu me aproximava, e se aproximava quando eu fugia; e a personagem do Opositor Legal, que prevaricou tanto a ponto de eu querer desistir dela, mas a mão do Imã estava sempre pronta para puxá-la e mantê-la a seu lado. Segurava-a firme e não me deixava omiti-la, para que não faltasse democracia à história.

As personagens femininas, adultas ou crianças, eram mais sólidas e estáveis. No entanto, o nome Bint-Allah me causou longas noites de insônia; tentei várias vezes alterá-lo — afinal, o nome em si já é uma violação do sagrado. Como uma menina pode ter um nome proibido (além de carregar em seu ventre um fruto proibido?). No cristianismo, pode-se dizer “Filho de Deus” para se referir a Cristo, mas dizer “Filha de Deus” é impensável. Contudo, a própria Bint-Allah pergunta na história: Como seria se eu fosse a Virgem Maria e desse à luz uma menina? Minha filha não seria a Filha de Deus, não a chamariam de “Crista” e não faria parte do rol dos profetas?

Tive dificuldade em mudar seu nome, pois assim era chamada desde que nasceu até a hora de ser apedrejada e morta. Cheguei a abandonar o romance e rejeitá-lo totalmente; afinal, como podem as personagens e seus nomes se imporem a mim? O curioso foi que, quando o abandonei, ele começou a se aproximar e a me passar o comando; entregou-se a mim por livre e espontânea vontade e, quando me sentei diante das folhas em branco, observei-o se escrever sozinho. Não interferi na vida pessoal das personagens, a não ser quando precisei omitir alguns tabus linguísticos ou infringir certos valores humanos, em especial na personagem do Imã. Não pude, na ficção, dar-lhe o poder absoluto que tem na vida real e disse a mim mesma: Pelo menos no romance, terei um pouco de liberdade e poder.

**Nawal EL-Saadawi**

Cairo, fevereiro de 1987



# A busca começa

Era a noite da Grande Festa. Depois de uma longa perseguição, alguém me atingiu por trás. Eu corria no escuro à procura de minha mãe, só meu cachorro me acompanhava. Fui atingida nas costas. Virei-me para lhes mostrar o rosto. Desapareceram. Eles não podem olhar para o sol. Dormem o dia todo e se levantam à noite. Desconhecem a honra de competir, de lutar. Atingem por trás.

Antes de cair e me esquecer das letras, perguntei: Por que vocês sempre deixam o criminoso livre e matam a vítima? Eu sou jovem. Minha mãe morreu virgem. Responderam: Sua mãe foi apedrejada até a morte, e você é filha do pecado. Mas, antes de eu me esquecer das letras e perder a consciência, disse: Eu não sou filha do pecado, e no orfanato me chamavam de “Bint-Allah”. Mesmo que eu perca a memória, não esqueço do rosto de minha mãe. Quando nasci, ela me deixou para ir lutar contra o inimigo. Mártir pela Pátria. Disseram: Sua mãe nunca foi leal à Pátria, nem a Deus, nem ao Imã, e, infiel, morreu; o Inferno é sua morada.

Antes que o sangue abandonasse meu cérebro e a memória se esvaísse, eu disse: Minha mãe nunca foi traidora. Antes de eu nascer, meu pai a abandonou e foi embora. Per-

guntaram: Quem é seu pai? Respondi: O Imã. Retrucaram: Cale-se! Que sua língua seja arrancada!

\*

Antes da morte, cortaram sua língua. O Imã governava segundo a lei de Deus. Apedrejar até a morte a mulher adúltera, cortar a mão do ladrão, arrancar a língua de quem espalha boatos sobre mortes pelo leite envenenado por radiação e jogar todas as bebidas alcoólicas no rio.

Na véspera da Grande Festa, longe dos guardas do Imã, as pessoas costumavam descer ao rio, beber até desmaiar e, ao despertar, arrepender-se e pedir perdão. O Imã concedia o indulto no dia da Grande Festa: as portas das prisões eram abertas, e delas saíam os mortos, os mártires, as vítimas da radiação nuclear, as mulheres apedrejadas e os ladrões que tinham mãos e pés amputados em diagonal. Essa era sua chance de se libertar, mas os espiões do Imã a viram. Ela correu seguida por seu cão. Pouco antes do amanhecer, quase conseguiu escapar, mas foi atingida nas costas. Antes de cair, indagou: Por que vocês deixam o criminoso livre e matam a vítima? As vozes se esvaíram no silêncio. Sua mente ficou manchada de escuridão; sua memória, preta ou branca, sem nenhuma letra, exceto o nome da mãe.

# Eles não sabem ler

A escuridão é impenetrável, sem lua nem sol. Não se sabe se é noite ou dia escuro em uma floresta densa. De repente, de algum lugar, surge uma luz fraca, como o brilho de uma tocha na mão de algum guarda, ou do Chefe da Segurança. Na luz, vê-se a sombra de um corpo fugindo. Pelo jeito de correr sabe-se que é humano, não bicho. Constata-se que é uma mulher, não um homem. Dois seios, arredondados e firmes. Jovem, bem jovem; ossos miúdos, pele lisa como a de uma criança, e da cor do lodo do rio; rosto comprido, olhos puxados, qual deusa dos tempos antigos. Olhos grandes, íris pretas como o olho da noite. Seus pequenos pés correm sem parar, na mão direita carrega o que parece ser o galho de uma árvore. Nua como quando nasceu; a genitália escondida sob a asa da noite, ou por uma folha verde-escura. Correndo, o corpo brilha na luz, igual peixe, dividindo o universo em duas metades. Um fulgor, e a noite volta ao que era. Ela e seu cão somem, quase escapam.

Mas da penumbra aparece um bando de espiões do Imã, liderados pelo Chefe da Segurança. Homens enfileirados, enormes corpos peludos. Cada um carrega na mão direita uma pedra ou uma arma afiada. Correm atrás da menina.

Ela é mais rápida que eles. Conhece melhor os segredos do lugar. É sua terra, onde nasceu e morreu.

Ela teria escapado se não tivesse parado para encher o peito com o cheiro do lugar.

\*

Quando parei ao pé da colina entre o mar e o rio, pela primeira vez depois da derrota na última guerra, e, quando minha mãe morreu no caminho de casa, meu espanto não foi tanto; mas quando subi a encosta da colina, deixei escapar um grito de surpresa, o galho caiu de minha mão e meu coração tremeu. Chamei o nome de minha irmã, ciente de que ela estava vindo atrás de mim. Vinte anos se passaram desde que nasci e sonhei com esta colina. O cheiro do ar não despegou de minha memória. Lembrava-me de cada curva desta terra. As três palmeiras, o sicômoro, a colina que dava para o vale verde, a maresia... Senti o cheiro de minha mãe. Esta terra era a minha pátria.

\*

Ela teria escapado se não tivesse parado para encher o peito com o cheiro de sua vida. O tiro a atingiu pelas costas e, como uma flecha, alcançou seu coração. Ela caiu... sangrava... o cão a seu lado. Os pássaros voaram assustados, enchendo o universo com seu pranto. Os céus ecoaram o canto dos galos; o grasnido dos corvos e o relincho dos burros eram acompanhados pelo latido dos cães. Era quase alvorada. Homens de túnica branca e barba preta se levantaram, fixaram alto-falantes nos minaretes e nas abóbadas, com fios elétricos

dependurados. A voz, feito trovão, chamava as pessoas para a oração e para aclamar o Imã. De repente, o som sumiu quando a eletricidade acabou. O silêncio de novo reinou e as pessoas voltaram a dormir. O crime aconteceu no escuro, ninguém viu. Mas o universo assistiu... também as árvores, a colina, o mar e o rio. Ela ficou preservada na forma de uma rocha, com seu cão ao lado. O corpo vivo se petrificou (esse é um fato científico. Na história, o homem da caverna viveu trezentos anos com seu cão no bojo da terra).

Ela era uma menina sozinha, tinha apenas o cachorro como companheiro. (Suas irmãs vieram depois.) O mundo de então se parecia com o que vivemos hoje. O céu, a terra, as árvores, as casas, o rio e o mar.

\*

É o mar Mediterrâneo? É o rio Nilo?, perguntei. Os nomes aqui são diferentes, e o tempo também, mas o lugar é o mesmo... e o sol também, responderam. As espigas de trigo são iguais e a búfala tem o couro preto e quatro patas, e eu consigo vê-la, de longe, descer até o rio e nadar, e seu dorso brilha sob o sol. Fecha os olhos com prazer e flutua com preguiça. Depois sai da água e anda relaxada. Para na beira do campo de alfafa e mastiga devagar; balança o rabo. Levanta as orelhas, escuta com atenção o chiado da roda-d'água, vê a mulher amarrada com corda e de olhos vendados. A mulher girava a roda e havia um homem atrás dela que batia em suas nádegas com uma vara toda vez que ela parava. Espantada, perguntei: Uma mulher girando uma roda-d'água enquanto a búfala descansa? Responderam: Aqui seguimos as leis da oferta e da procura. No mercado, uma búfala vale mais que

uma mulher. Um homem tem quatro mulheres, mas só uma búfala. O campo se estende como faixa verde ao longo do rio. Uma fileira de búfalos nada ao sol. Atrás da faixa verde, estão o deserto e as areias amarelas. Se você seguir pelos lados da colina, encontrará os salteadores. Hienas e urubus comem apenas carniça. Só o homem come carne viva. Tigres devoram veados, mas se abstêm da carne humana; a carne de veado é rara, mas a humana é fácil de encontrar. Crocodilos são traiçoeiros, cobras são tortuosas e seu couro é macio, mas seu veneno é mortal. Aqui não existe lealdade, exceto entre os cães. Era noite ainda. Havia insetos com corpo de mosquito, gafanhotos e até ratos... Havia também répteis e outras criaturas que corriam sobre quatro pernas. Mas onde estão as pessoas?, perguntei. Não vejo ninguém. A menina assassina desapareceu, e seus assassinos também. Aonde foram os seres humanos?, perguntei de novo. Aqui eles existem aos milhões, como mosquitos no ar. Você não pode vê-los a olho nu. Eles vivem nas profundezas da terra, em cavernas subterrâneas, em casas como túmulos. Temem a luz, achando que é fogo. Temem os raios do sol, pensando que são radiações nucleares, o grande mal, vindo de detrás do oceano, despachado pelas Grandes Potências em latas de leite em pó, ou que são a ira de Deus descendo sobre eles. Mas por que Deus está furioso com eles? Eles não sabem. Eles não sabem que crimes cometeram. Eles não conhecem a palavra de Deus, porque está escrita e eles não sabem ler nem escrever. Eles nem sabem o que são palavras. Tudo o que sabem é murmurar, gritar, aclamar ou vociferar. Perguntei: Não é possível se comunicar com eles? Sim, é possível, se você falar a língua deles, usar roupas de homem ou esconder suas partes vergonhosas atrás de um véu. Que partes vergonhosas, se

estou vestida com toda a minha roupa?, perguntei, surpresa. Então eles apontaram com os dedos afiados para meu rosto. Um medo repentino tomou conta de mim, e minha língua tremeu. Mesmo assim, perguntei: Quem disse isso? Deus, responderam. Mas a palavra de Deus é escrita e vocês não sabem ler, como puderam entendê-la? Eles se calaram... se olharam... levantaram os olhos para o céu e apontaram para a imagem pendurada no topo do monumento construído em comemoração à Grande Vitória. Olhei para cima e perguntei: Quem é ele? Abismados, indagaram: Você não sabe quem é? Para onde quer que você olhe, você o verá. Sua imagem está pendurada em todos os lugares: nas ruas, nas paredes, nas lojas, nos arcos, colunas e monumentos à Vitória. Seu nome é Imã e ele está em toda parte. Mas aquele que está em todos os lugares não está em lugar nenhum, argumentei. Nós juramos lealdade eterna a ele. Ele é nosso senhor. O Imã viu Deus e conheceu sua palavra, disseram. Onde foi que o Imã viu Deus?, perguntei. Deus lhe apareceu em sonho, responderam.

# O chamado da mãe

Quando eu era criança, Deus costumava me visitar durante o sono. Falava comigo com uma voz suave, igual à de minha mãe. Quando os disparos soaram e vi a imagem do Imã cair no chão, comecei a correr. Não temi a morte. A morte é mais fácil quando acontece rápido. Uma cabeça decepada por uma espada ou um tiro no coração. Morrer lentamente é o verdadeiro terror.

Eles me amarraram com cordas, jogaram-me em uma vala, então atiraram pedras em mim, uma após a outra, um dia após o outro. Cinquenta, cem ou mil dias. Mesmo se meu corpo morresse, a alma não desistiria. Atirar as pedras iria exauri-los antes que eu morresse; suas mãos sangrariam antes que minhas veias secassem. Meu espírito inalaria a terra e a areia, transformaria meu corpo em rocha, que rebateria as pedras. De longe, pude enxergar a rocha firme sobre a colina entre o mar e o rio. Parada no escuro, me esperando. Desde que me deu à luz, ela me espera. Vinte anos se passaram e ela, reta e imóvel. Sua voz são sussurros... o farfalhar das folhas ao vento. Como uma voz vindo das profundezas da terra: Bint-Allah, venha!

Chamavam-me de “Bint-Allah”, e Marzuq era o nome de meu cachorro, que me acompanhou desde que nasci e ficou

comigo até o fim. Ele não sabia ler nem escrever, nunca leu a palavra de Deus, mas era o único que conhecia a verdade. Ele sabia que eu era inocente do sangue do Imã. Como poderia matá-lo? Afinal, era meu desconhecido pai, e, se não fosse por ele (e por minha mãe, também desconhecida), eu não existiria. Ninguém sabia que eu era filha dele, exceto minha mãe e meu cachorro. Foi Marzuq que a viu ajoelhada no chão chorando baixinho, e foi Marzuq que o viu fugir na escuridão. Viu seu rosto e guardou suas feições. Toda vez que via sua imagem pendurada em algum lugar, latia bem alto. Ninguém entendia seu latido porque as pessoas não compreendem a língua dos cães, mas os cães conhecem a língua dos humanos e, como eles, têm uma memória que guarda as histórias. Marzuq se lembrava do jeito que o Imã estava quando saiu correndo. Correu atrás dele e o pegou por trás, rasgou sua calça acima da nádega esquerda e um pedaço do pano ficou preso entre seus caninos. Era de cor cáqui, como o uniforme do Exército, e cheirava a suor e perfume barato. Largou o trapo atrás dele e continuou correndo, com medo do cão. Dava para escutar seus passos, na sola do sapato havia uma ferradura. Corria sem parar, sempre olhando para o céu. Tinha grande fé em Deus. Conceda-me a vitória sobre meus inimigos; realize os desejos de meu coração. Os olhos saltados, cheios de esperança. Lábios grossos, ávidos por possuírem o universo. Um trono no céu e outro na terra. Um palácio com vista para o mar no verão e outro no sul para o inverno; além de um palácio no Paraíso por onde corriam rios, efecos e *huris*. Com a língua seca, sedento, ofegante e de boca aberta, corria sem parar. A privação antiga, desde a infância, inquieta, desejo doentio de possessão, não se saciava. A esperança imensa em Deus. O sinal da fé na testa,

um círculo gravado. Na mão, carregava uma *massbaha* de contas amarelas; na anca direita, a espada dentro da algibeira; a mão esquerda sobre a nádega esquerda tentava esconder o rasgo na calça.

\*

Sumiu na noite murmurando palavras de gratidão a Deus, seu hálito exalava o vinho e o suor de uma mulher pobre, e Marzuq não parava de latir, mas ninguém o escutava. Os fogos coloridos da festa explodiam no ar e o Imã proferia pelos alto-falantes seu discurso, que começava com “Em nome de Deus” e terminava com “O Profeta seja louvado”. Depois do discurso, dispersaram-se; cada um desapareceu em sua casa, todos extasiados com a vitória, tendo na boca o gosto da derrota. Nas ruas surgiram homens portando facas. Gritavam alternadamente: Açougueiro!, depois o silêncio reinou, mas foi seguido pelo balido do animal sacrificado vindo de todas as casas. Forte fumaça e cheiro de churrasco. Depois da refeição, vestiram as roupas novas, calçaram os sapatos com ferraduras e saíram pelas ruas agradecendo a Deus pela fartura. Na mão esquerda uma *massbaha* e na direita, uma pedra. Hora de apedrejar Satanás.

Amarraram-na com cordas, fizeram uma roda, competiram entre si quem acertava a pedra primeiro. Seu umbigo era o sinal do Diabo. Ao ganhador eram concedidos a medalha de Cavalheirismo e Honra, um palacete ao lado do palácio do Imã e algumas *huris* também.

O solo estava frio e, em suas narinas, sentiam o cheiro da terra. O peito descoberto, os braços e as pernas abertos, o som dos tambores no ouvido... Os fogos da festa... risos

de crianças, balões coloridos. Procurou pelo rosto de sua filha entre os rostos das outras crianças e avistou o semelhante pálido. Acenou para ela e chamou-a bem baixinho: Bint-Allah, venha!

\*

Desde que minha mãe me deu à luz, eu escuto seu chamado na brisa e no farfalhar das folhas. Sua voz está gravada em minha memória como se fosse na pedra. Ela, de pé na escuridão sem se mexer... Uma rocha em forma de monumento, coberta por um véu preto que oculta seus contornos, envolvida por uma luz de fonte desconhecida. As mãos grandes sobre o peito escondem algo deste mundo. Seus dedos entrelaçados sobre o coração... as feições afiadas, porém relaxadas. Deu a vida sem receber nada em troca. Nos olhos, tinha a dor da descoberta. O susto se foi, mas a tristeza ficou, como uma luz, uma nova visão do mundo. O corpo esguio, sem o peso da carne, tal qual um espírito ou um sonho, não carecia de gestos nem de palavras. Palpável dentro de uma bola de ar. Cabeça erguida. Perdeu tudo, mas não a si mesma. Sorriso nos lábios. Descobriu os segredos do mundo e arrancou os véus do céu. Seu sofrimento... sulcos nos ossos do rosto; seus olhos cheios de brilho, esperando o apagar da chama derradeira.

O guardião fechou a última porta no palácio do Imã e balbuciou o versículo do Trono, para afastar demônios e espíritos malignos. Todos dormiram: o Imã, seus espíões, os demônios, os anjos e os deuses. Até as árvores e o vento dormiram. Ela, sozinha, permaneceu acordada, olhava ao redor com cautela. Ninguém a via. Inclinou-se até sua cabeça quase tocar o chão e afastou do peito o objeto guardado. Com a palma grande,

carinhosa qual a mão de Deus, ajeitou a terra, limpou-a de pedras e de seixos. Pulverizou o chão com terra fina, macia como peito de mãe. E me deitou para dormir.

Eu estava dormindo, meu rosto pálido aparecia pela abertura da túnica branca. Meu peito subia e descia, a respiração profunda de uma criança. Uma de minhas mãos rastejou para fora da manga... a palma aberta, como o gesto de súplica durante o sono... prece silenciosa. Tirou o xale de lã preta e, com cuidado, me enrolou. Minha mão tocou o dedo dela e o segurou com força, sem soltar. Seu dedo ficou em minha mão enquanto durou a noite, enquanto durou a respiração em seu peito. Depois começou a retirá-lo muito devagar, e o sangue foi deixando meu coração, lentamente. Meu corpo tremeu no instante da separação e despertei. Eu a vi de pé olhando para mim. Sua cabeça no céu e seus olhos, dois astros a brilhar na noite. Então ela se virou e foi embora. Costas altas, passos largos, sem pressa, sem vagar. Mexia livremente os braços no ar, como se o possuísse. Foi se distanciando, cada vez mais, sem que seu tamanho minguasse, até que desapareceu.